

MUSA

museus, arqueologia & outros patrimónios

Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal

Setúbal, 2010

3



museus, arqueologia & outros patrimónios

**Volume 3
Setúbal 2010**

**FIDS & MAEDS
Autarquias do Distrito de Setúbal**

Ficha Técnica

Edição

Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal (FIDS) e Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS)

Direcção

Joaquim Martins Gonçalves (Presidente da Assembleia Distrital de Setúbal)

Coordenação Editorial

Joaquina Soares

Conselho Científico

António Nabais
Carlos Marques da Silva
Carlos Tavares da Silva
João Luís Cardoso
Mário Canova Moutinho
Mário Varela Gomes
Victor S. Gonçalves
Vitor Serrão

Conselho Redactorial

Antónia Coelho-Soares
Amélia Pardal
Clara dos Santos
Fernanda do Vale
Germesindo Silva
Graça Filipe
Isabel Vicente
Luís Ferreira
Miguel Correia
Rosa Bela Azevedo
Rosário Gil
Teresa Rosendo

Secretariado e correspondência



Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal
Av. Luisa Todi, 162; 2900-451 Setúbal (Portugal)
Telefs - (351) 265239365/265534029; Fax - (351) 265527678
Email - maeds@mail.telepac.pt

© - Direitos reservados pelos autores e MAEDS. Interdita a reprodução de imagens.

Capa

Moinho de Maré do Cais (Montijo). Foto da Câmara Municipal de Montijo.

Contracapa

Estela-menir II da Anta Grande do Zambujeiro, fotos de arquivo do MAEDS; placa de xisto gravada da Anta Grande do Zambujeiro, esc. 1:1, foto de Manuel Ribeiro.

Execução gráfica

Ana Paula Covas

Tratamento de imagens

Ana Castela

Impressão e acabamento

Depósito legal n.º

ISSN

1646-0553

Tiragem

1400 exemplares

Índice

Museus	7
Joaquina Soares <i>Museologia de escala regional. Breve reflexão a partir das rotinas do MAEDS</i>	9
Cíntia Mendes <i>Plano das Memórias do Concelho de Alcochete</i>	21
Carmen Carvalho <i>O Museu Mineiro do Lousal. Mina de Ciência - Centro Ciência Viva</i>	27
Maria Clara Santos <i>O moinho de maré de Alhos Vedros e a exposição temporária “O Ciclo do Pão”</i>	34
Micaela Casaca Sécio <i>O Moinho de maré do Cais. Experiência de uma musealização in situ</i>	43
Francisco Borba <i>O Museu de Setúbal e o seu fundador, João Botelho Moniz Borba</i>	49
Arqueologia	63
Françoise Mayet <i>Robert Etienne (1921 - 2009)</i>	65
Joaquina Soares <i>Dólmen da Pedra Branca. Datas radiométricas</i>	70
Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva <i>Anta Grande do Zambujeiro - arquitectura e poder. Intervenção arqueológica do MAEDS, 1985-87</i>	83
Michelle Teixeira dos Santos <i>Alguns materiais inéditos do Moinho da Fonte do Sol das colecções de arqueologia do Museu Municipal de Palmela</i>	130
Mário Varela Gomes <i>Estela epigrafada, da I Idade do Ferro, da Cerca do Curralão (Almodôvar, Beja)</i>	137
Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares, Licínia Nunes Correia Wrench <i>Os primeiros mosaicos romanos descobertos em Caetobriga</i>	149
Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares, Antónia Coelho-Soares, Susana Duarte, Ricardo Miguel Godinho <i>Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua Augusto Flamengo, n.ºs. 10-12</i>	165
Outros Patrimónios	179
Carlos Beloto <i>Onde e como estão os mosaicos romanos em Portugal? Um olhar do lado da conservação</i>	181
Francisco Rasteiro, Soraia Matos, Marisa Loureiro, João Santos <i>Sistema do Frade</i>	197
Rosalina Carmona <i>Barreiros e Barreiro. Considerações em torno de um topónimo</i>	207
António Camarão <i>Alburrica - Mexilhoeiro. Um conjunto patrimonial</i>	215
Alexandre Arménio Tojal <i>Platibandas: funcionalidade e estética na arquitectura doméstica oitocentista da Aldeia Galega / Montijo</i>	221
Adelina Gomes Domingues <i>As artes de pesca em Sesimbra</i>	229
Ana Alcântara <i>A indústria conserveira e a evolução urbana de Setúbal (1854-1914)</i>	237
Carmen Carvalho e Purificação Pereira <i>Os lagares de azeite na vila de Grândola</i>	247
Carlos Mouro e Horácio Pena <i>Um colecionador de utilidades: António Casimiro Arronches Junqueiro (1868-1940)</i>	257
Gentil José Cesário <i>1755 - O terramoto de todos os santos em Santiago do Cacém</i>	279

1755 - O terramoto de todos os santos em Santiago do Cacém

GENTIL JOSÉ CESARIO*

RESUMO

O presente artigo resulta da exposição “O Terramoto de Todos os Santos em Santiago do Cacém e Setúbal”, uma iniciativa da Junta de Freguesia de Santiago do Cacém, em colaboração com o MAEDS (Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal / Assembleia Distrital de Setúbal), Protecção Civil Distrital e Municipal e da Câmara Municipal de Santiago do Cacém, que decorreu entre 21 de Abril e 18 de Maio de 2007 no Salão Nobre dos Bombeiros Voluntários de Santiago do Cacém.

Pretendeu-se com esta exposição permitir ao público uma visão, não só do Grande Terramoto, mas também da imensa riqueza histórica e patrimonial do concelho e, em particular, do Centro Histórico de Santiago do Cacém, divulgando, de forma didáctica, a história local e o património, que são tão ricos e interessantes, assim como sensibilizar a população para os sismos e o facto de o concelho se encontrar numa zona de sensibilidade sísmica.

O terramoto ocorrido no dia 1 de Novembro de 1755 (dia de Todos os Santos), arrasou a cidade de Lisboa e teve implicações políticas e sociais que viriam a mudar a face do país. Serviu igualmente de motivo a grandes discussões teológicas e filosóficas, animando a *Europa das Luzes*, donde emergiu a primeira tentativa de dar uma explicação científica ao fenómeno sísmico.

Em Santiago do Cacém, pequena vila ao Sul do país, o mega-sismo e as suas consequências também se fizeram sentir, quer ao nível da destruição física de muitos edifícios importantes, e subsequente reconstrução que, nalguns casos, representou uma reformulação arquitectónica e mesmo urbanística da povoação, quer ainda ao nível das estruturas políticas que dominavam o concelho durante o Antigo Regime, modificadas em virtude do *terramoto político* desencadeado pelo marquês de Pombal na sequência do terramoto físico.

ABSTRACT

This article is about “O Terramoto de Todos os Santos em Santiago do Cacém e Setúbal” exhibition, which occurred from the 21st April to the 18th May, in the great hall of the Santiago do Cacém Fire Department.

The exhibition aim was to show the public not only the repercussion of the Lisbon's Earthquake in Santiago do Cacém, but also the town's great history and heritage.

Fig. 1 - Ruínas da Opera da Ribeira, inaugurada seis meses antes do sismo - Estampa nº 4 de “*Colleção de algumas ruínas de Lisboa causadas pelo terremoto e pelo fogo do primeiro de Novemb.ro do anno de 1755 debuxadas na mesma cidade por MM. Paris et Pedegache e abertas ao buril em Paris por Jac. Ph. Le Bas, À Paris, 1757*”.



“No dia primeiro de Novembro de 1755, anno eternamente fatal na Historia Portugueza, às nove horas, e quatro minutos da manhã, estando o Ceo limpo, o ar sereno, e o mar em calma, se vio Lisboa surpreendida com hum Terremoto dos mais horrorosos [...] porque em taõ breve tempo deixou reduzidos a ruínas quasi todos os edificios da mesma Cidade, sepultando nos estragos hum grande numero de seus habitantes, especialmente nos Templos, que por ser dia de tanta solemnidade, todos se achavaõ assistidos de numeroso povo.”¹

* Câmara Municipal de Santiago do Cacém.

1 - Excerto de “*Memorias das Principais Providencias que se Deraõ no Terremoto, que padeceu a Corte de Lisboa no anno de 1755*”, de Amador Patricio de Lisboa, publicado em 1758.

Com o epicentro localizado provavelmente na Planície Abissal de Ferradura, o terramoto atingiu, no concelho, o grau VII da Escala de Mercalli, nas freguesias do Vale do Sado, o grau VIII nas freguesias do interior e da Serra, e o grau IX, o mais destruidor, no litoral, embora, como veremos, o povoamento e a concentração de edifícios importantes tenham sido determinantes para uma maior ou menor extensão da tragédia.

SANTIAGO AO TEMPO DO TERRAMOTO

Guardado no Arquivo do Cabido da Sé de Évora, encontra-se um documento datado de 22 de Janeiro de 1721 e assinado por “Manuel de Macedo e Sousa, Padre Conventual de Santiago de Palmela, Prior e Juiz da Ordem desta Matriz e Comarca de Santiago de Cacém”. Trata-se de uma relação dos habitantes da freguesia e tem uma grande impor-

tância histórica porque nos permite conhecer, rua a rua e casa a casa, quem vivia na vila num determinado momento do século XVIII.

A sua leitura, no entanto, deixa algumas questões em aberto, como a ausência de três arruamentos que são dos mais antigos de Santiago do Cacém: Carreira (actual Rua Condes de Avillez), Mouraria (actual Travessa Bernardo Falcão) e Judiaria (actual Travessa da Central Eléctrica). Talvez fossem ruas onde, nesse tempo, não morava ninguém porque, em 1797, quando o Padre Bonifácio Gomes de Carvalho aforou, ao Desembargador Francisco da Costa de Abreu Guião, um edifício no final da Carreira, para aí construir a sua nova residência (hoje conhecida por “Casa do Prior”), este não passava de “uns pardieiros e edifícios caídos... junto à Ladeira do Castelo”; embora essa ruína seja atribuída ao Terramoto de 1755 (que muito deve ter contribuído para ela), não é de excluir que, em determinada época, os arruamentos mais altos tenham sido abandonados, na sequência do próprio abandono do Paço da Alcaldaria e do Castelo.

O Padre Manuel de Macedo e Sousa preocupou-se em listar algumas profissões, como o boticário, os pedreiros ou o barbeiro, dando-nos ainda conta dos criados e dos escravos. No topo da hierarquia social, encontramos o Clero representado por dez padres, para um total de quinhentas e oitenta almas (pouco mais de mil nos totais da Freguesia). Quanto à nobreza, embora não esteja discriminada, podemos adivinhá-la pelos apelidos como Aguião, Reboredo ou Falcão Murzello por exemplo, distribuída por três arruamentos da seguinte forma:

Rua Quente:

- Família de D. Francisco Calderon de la Barca e esposa, D. Antónia Colomina
- Família de Dionísio de Aguião

Rua das Almas:

- Famílias de D. Ana Maria de la Corona, Pedro de Sande e esposa, D. Maria Torrilha
- Família do Padre Bernardo José da Costa Parrado (possivelmente dos morgados do Parrado referidos no século XIX)
- Diogo de Aguião e esposa, D. Luísa de Medeiros
- Família de Bernardo Falcão Murzello e esposa, D. Felícia Micaela Maldonado

Rua Direita:

- Família do Capitão-Mor André Ascenço Sallem Raposo e esposa, D. Maria Rolim



Fig. 2 - Carta de isossistas do sismo de 1 de Novembro de 1755, na escala de Mercalli modificada; como se pode verificar, o concelho de Santiago do Cacém encontrou-se entre os graus VII e IX da referida escala (muito forte, ruinoso e desastroso).



Fig. 3 - Igreja Matriz de Santiago do Cacém; fachada de 1830.

- Família do Dr. Sebastião Sallemma
- Família de Filipe do Reboredo
- Família de João Roiz Beja e esposa, D. Mariana Bernarda Falcão
- Família de Manuel Falcão Murzello e esposa, D. Antónia Callada
- António de Brito Varela
- Maria Varela e Lourenço Peçanha

Nas décadas seguintes, e até ao Terramoto, o número de fidalgos terá, sem dúvida, aumentado, com a instalação em Santiago do Bispo de Nanquim, D. António Paes Godinho, prelado da confiança de D. João V, que trouxe consigo dezenas de indivíduos no seu séquito. Provavelmente por influência da Casa Ducal de Aveiro, também alguns elementos da família Távora vieram viver para Santiago do Cacém, nomeadamente o Pároco Manuel Coelho de Sampaio e Távora (autor da Memória Paroquial), Gabriel António de Távora, Luís Álvares de Távora, Joaquim Álvares de Távora e o Capitão José Álvares de Távora.

Apesar dos quase trinta e cinco anos de inter-



Fig. 4 - Igreja da Misericórdia de Santiago do Cacém, com a nova fachada de 1769.

valo entre esta relação e o Terramoto, ela permanece como a mais completa e próxima do trágico acontecimento, permitindo-nos caracterizar o tecido social da povoação à data do sismo.

No século XVIII o Concelho de Santiago do Cacém pertencia à Comarca de Ourique, Ouvidoria de Azeitão, Arquidiocese de Évora e Ordem de Santiago.

Significa isto que o município estava sujeito ao Provedor de Ourique, nomeado pela Coroa e, portanto, funcionário régio, cuja função era supervisionar os impostos e as finanças do Concelho, Hospital e Santa Casa da Misericórdia. O Ouvidor, em Azeitão, era um funcionário nomeado pelo duque de Aveiro, Senhor Donatário de Santiago e outras terras. Ao Ouvidor competia o policiamento e a fiscalização da acção da Câmara, controlando, ainda, a eleição dos vereadores.

A Câmara era composta por três vereadores e um procurador, sendo presidida pelo Juiz de Fora (nomeado pelo duque). Era da competência da Câmara, entre outras coisas, a eleição do Capitão-Mor, Sargento-Mor e demais cargos militares e de



Fig. 5 - Antigos Paços do Concelho, edifício construído em 1781.



Fig. 6 - Pormenor da soleira da porta principal da Igreja Matriz; aproveitamento de tampas de sepultura na reconstrução.



Fig. 7 - Pormenor da escadaria da Igreja da Misericórdia; aproveitamento de tampas de sepultura na reconstrução.

policimento do Concelho, assim como a eleição dos juizes e escrivães da Vintena das freguesias.

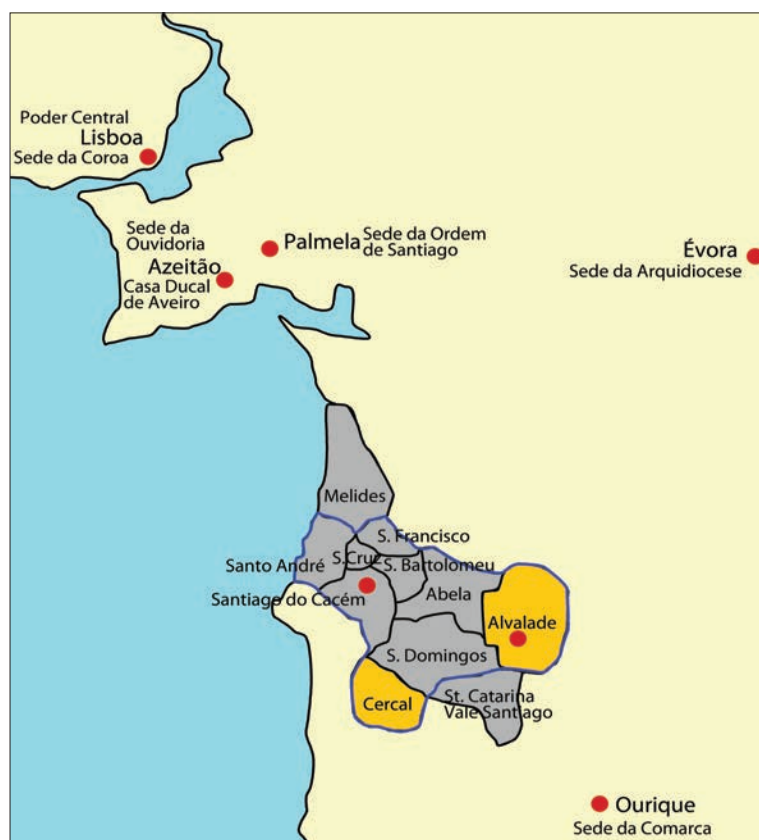
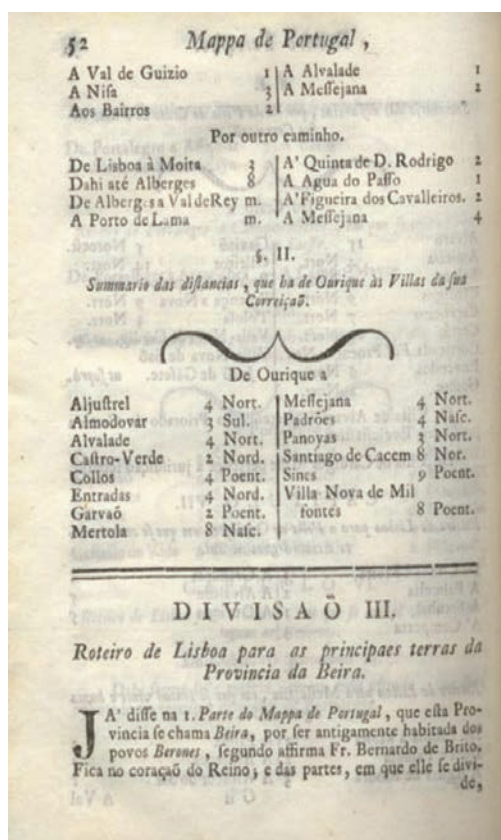
A eleição dos vereadores e do procurador era restrita à nobreza local e estava sujeita à confirmação do duque, através do seu Ouvidor.

Ao Arcebispo, em Évora, competia supervisionar a actuação dos párocos, que eram, nas freguesias (ou paróquias) rurais, os únicos alfabetizados e, praticamente, as únicas autoridades. As paróquias não eram uma circunscrição administrativa, como as modernas freguesias, mas antes eclesiástica, no entanto eram os párocos que faziam o registo da população, permitindo às autoridades, com base nesses

números e quando necessário, lançar impostos ou recrutar efectivos militares.

A nomeação dos párocos estava dependente de diferentes instituições, consoante os casos, mas, nos concelhos de Santiago do Cacém, Alvalade e Milfontes (a que pertencia a Paróquia do Cercal) estava dependente do rei, como Mestre da Ordem de Santiago, através da Mesa da Consciência e Ordens.

Em meados do século XVI, depois da morte do Mestre D. Jorge de Lencastre, duque de Coimbra e pai do 1º duque de Aveiro, o mestrado da Ordem de Santiago passara para o rei que, por essa altura, já controlava todas as outras ordens militares portugue-



sas. Assim, as competências da Ordem ligadas à administração dos seus concelhos passaram para a Coroa. No entanto aquela não desapareceu, antes manteve a sua sede em Palmela e os seus membros, tanto laicos como eclesiásticos, em funções nos concelhos da sua área de influência. Por exemplo, os párocos, não só eram apresentados (nomeados) pelo rei enquanto Mestre da Ordem, como eram freires da Ordem de Santiago.

As Memórias Paroquiais

Criada em 1720, a Academia Real de História Portuguesa decidiu editar, desde logo, uma História “*Eclesiastica e Secular de Portugal e suas Conquistas*”, coordenada por um dos seus membros, o Padre Luís Cardoso, da Congregação do Oratório. Nessa altura foi enviado um inquérito às autoridades eclesiásticas, provedores das comarcas e câmaras municipais do país, de que resultou a publica-

ção, em 1747, do 1º volume do “*Diccionario Geographico ou Noticia Historica de todas as Cidades, Villas, Lugares e Aldeias, Rios, Ribeiras e Serras dos Reinos de Portugal e Algarve, com todas as cousas raras que nelles se encontraõ, assim antigas como modernas*”, relativo às terras começadas por A.

O 2º volume foi publicado em 1752 e compreendia as letras B e C, mas, com o terramoto de 1755, foi destruída quase toda a informação recolhida, escapando apenas os dois volumes já impressos e distribuídos.

Em 1757, a pedido do Padre Luís Cardoso, voltou a fazer-se um novo inquérito junto dos párocos do Reino, com vista à conclusão do Dicionário Geográfico. O marquês de Pombal interessou-se pela ideia, dando-lhe o seu apoio pois, dessa forma, ficaria com um melhor conhecimento do impacto do terramoto de 1755 nas várias zonas do País.

O próprio marquês mandou imprimir e distribuir os inquéritos, com a indicação de que fossem preenchidos de forma breve e com letra legível, começando as respostas a chegar a Lisboa logo em 1758; mas com a morte do Padre Luís Cardoso em 1769, toda esta recolha ficou guardada na biblioteca do convento oratoriano das Necessidades até transitar, em 1848, para a Torre do Tombo, onde recebeu o nome por que actualmente é conhecida a obra: “Memórias Paroquiais”.

Analisando as várias respostas ao inquérito, dos párocos representantes das antigas paróquias que constituem hoje o concelho de Santiago do Cacém, conclui-se que a actual cidade, já nesta altura a mais importante localidade do referido território, foi, em termos gerais, a que mais sofreu os efeitos do sismo. O pároco Manuel Coelho de Sampaio e Távora, na sua descrição, dá-nos conta da destruição da Igreja Matriz, mas também de outros templos, como as capelas de S. Sebastião e de S. Pedro ou a Igreja da Misericórdia, bem como a Torre do Relógio Público, que é um exemplo de resistência aos cataclismos naturais que assolaram Santiago no seu passado, pois resistiu a vários, mantendo a sua traça e características iniciais.

Fig. 11 - Oratório dos Passos da Paixão de Cristo localizado na Rua Dr. Francisco Beja da Costa (antiga Rua Direita). Fez parte de um conjunto de cinco oratórios construídos entre 1708 e 1710, dos quais ainda restam dois na via pública.



Fig. 10 - Vista sobre o Centro Histórico de Santiago do Cacém, vendo-se a Igreja Matriz, a Igreja da Misericórdia e a Torre do Relógio.





Fig. 12 - Paineis de azulejos do antigo Hospício na Rua da Sociedade Harmonia, datado de 1750 (cinco anos antes do terramoto).



Fig. 13 - Janela de guilhotina na Casa do Prior, Rua Condes de Avelaz (antiga Carreira).



Fig. 14 - Janela de guilhotina no Palacete Falcão, Praça Conde de Bracial.



Fig. 15 - Janela de guilhotina no Palácio da Carreira.



Fig. 16 - Janela de guilhotina em habitação na Rua Padre António de Macedo (antiga Rua das Almas).



Fig. 17 - Curiosa tripla guilhotina em edifício no Largo Almeida Garrett (antiga Rua da Olaria).



Fig. 18 - Vista da desaparecida Igreja da Senhora do Monte, que serviu de Matriz depois do Terramoto. Pormenor de fotografia (Grande Panorâmica), captada por José Benedito Hidalgo de Vilhena em 1902.

Por este tempo, e na área geográfica definida, seguiam-se em importância as localidades de Alvalade e Cercal. A primeira, tal como Santiago do Cacém, era sede de concelho, possuindo, por isso, alguns edifícios de vulto. Estes seriam as principais



Fig. 19 - Igreja Paroquial de Alvalade.

vítimas, como a Igreja Matriz ou a Misericórdia, mas também se dá conta da destruição, por exemplo, da capela de São Sebastião. O Cercal era sede da paróquia do mesmo nome, pertencendo ao Concelho de Vila Nova de Milfontes, mas, apesar do estatuto menor, rivalizava com a sede concelhia, quer em termos demográficos, quer mesmo em relação às estruturas administrativas. Apesar disso e da localidade ficar dentro da zona que sofreu o impacto do grau VIII na escala de Mercalli, o Cercal pouco sofreu e o seu pároco apenas faz referência à ermida de S. Pedro, como sendo o único edifício danificado com o sismo.

Observando todas as memórias, tem-se a percepção que a zona das serras (de Grândola e do Cercal), à excepção de Santiago do Cacém, pouco sofreu; apenas algumas igrejas paroquiais ficaram danificadas, ainda assim em grau variável. Em Santa Cruz, praticamente ao lado de Santiago do Cacém, os estragos no templo paroquial foram de pouca monta, sendo ainda assinalados danos em alguns montes isolados; já na Igreja de São Francisco, o estrago foi maior, mas nada comparado com o ocorrido na Igreja Matriz de Santiago do Cacém. Destes párocos, o de São Bartolomeu parece ser o mais feliz, pois não só nos diz que a sua igreja escapou ilesa, como que nenhuma outra construção sofreu danos com o *Grande Terramoto*. Santo André, entre a costa e a planície litoral, sofreu um grau elevado de devastação, quer ao nível dos edifícios mais imponentes, como a igreja paroquial ou a ermida da Senhora da Graça, como também ao nível das habitações humildes dos habitantes da freguesia. Quanto à extensa planície interior, também aqui os efeitos diferem mais em função da grandeza da localidade, pois se em Alvalade existem alguns edifícios com danos consideráveis, no Roxo, paróquia do termo desse concelho (cuja localidade mais importante era, à altura, a actual Aldeia de Ermidas), apenas a paroquial sofreu alguma destruição e, ainda assim, de pouca monta; já na Abela, cuja primitiva igreja ficava junto à ribeira de Corona, parecem ter sido as águas desta as principais responsáveis pelo estado de ruína em que se achou a localidade e, principalmente, o seu templo, ao tempo e depois do sismo.

Em todo o conjunto de memórias, uma em especial merece ser destacada, a do pároco de São Domingos, Manuel Rodrigues Manço, freire professo da Ordem de Santiago. O pároco de São Domingos é o único que não segue o inquérito, antes

responde sumariamente a algumas perguntas, preferindo dar conta, na maior parte do texto, das diligências que empreendeu, sem resultado, para ver a sua igreja reparada.

Nesta *odisseia*, o pároco Manuel Rodrigues Manço chegou a falar pessoalmente com o rei D. José, que lhe mandou resposta pelo marquês de Angeja para procurar o requerimento na Mesa da Consciência, mas o documento “...*naõ appareceu nẽ vi effeito algũ de tal requerimento,...*”; o que o leva a desabafar “... *fiquei desanimado, e sumamente disgostozo, porque sou pobre naõ posso andar com requirimentos em Lisboa com perigo de serem debalde, demora e dificuldade dos despachos, antes mais dipressa me rezolvirey a deixar a occupação, e fazer dezistencia (nas) mãos de sua Magestade da merce, que me fês,...*”. Lembra que o antigo comendador, o marquês de Abrantes, já em 1739 tinha conseguido evitar pagar as obras então realizadas na igreja, chegando a sugerir que “... *viece essa restituição ou a limitada esmola de cem mil reis de ajuda de custo era o que bastava para se compor a capella Mór,...*”.

No seu longo desabafo, o pároco chega ao ponto de escrever “... *chorarey a minha infelicidade, mas naõ sey se aturarey muito tempo esta pobre e desgostosa vida.*” Porém ele acabou por contar com a ajuda dos seus paroquianos que, apesar da “... *suma pobreza...*” começaram a reparar “... *o corpo da Igreja...*”.

RECONSTRUÇÃO

Apesar da magnitude do terramoto de 1755, alguns edifícios e pormenores arquitectónicos anteriores chegaram aos nossos dias. Destes, a Torre do Relógio, construída entre 1667 e 1687, é talvez o melhor exemplo dessa sobrevivência pois, duramente atingida, quer pelo *Grande Terramoto* (o de 1755), quer pelo sismo de 1858, chegou aos nossos dias quase inalterada. Alguns portais e arcos, assim como edifícios emblemáticos (Capela das Almas e Casa da Colegiada, por exemplo), também nos mostram, ainda, a sua autenticidade.

A reconstrução, em Santiago, terá começado logo no mês de Novembro de 1755, arrastando-se depois por longos anos. A estratégia seguida terá sido o reaproveitamento das ruínas. Nalguns casos limpavam-se os escombros (se era fácil removê-los),



Fig. 20 - Antiga Igreja Paroquial de Abela; ficava junto à ribeira, onde hoje está a Junta de Freguesia. Pormenor de postal editado pela Junta de Freguesia de Abela, reproduzindo fotografia de meados do século XX.

noutros terraplenou-se manualmente e calçou-se com o auxílio de muares. Sempre que muros e paramentos ofereciam segurança, eram reforçados e reconstruíam-se sobre esses pontos de apoio.

Alguns edifícios, como a Igreja da Misericórdia ou a Igreja Matriz, subiram de cota em relação à rua, dando origem a escadarias monumentais. No caso destas igrejas houve também uma inversão de planta, trocando-se a posição da entrada principal com a da capela-mor. Nas novas edificações utilizaram-se as últimas inovações que a reconstrução de Lisboa popularizara, como a *gaiola pombalina*, estrutura de madeira anti-sísmica em feitiço de cruz de Santo André, ou as janelas de guilhotina, consideradas as primeiras janelas modernas devido ao desenho depurado, que dispensava ferragens, proporcionando o máximo de luz e resistindo bem aos ventos. Também nalguns casos se reapro-



Fig. 21 - Rua da Aldeia de Ermidas, a localidade mais importante da antiga paroquia do Roxo.



Fig. 22 - Igreja Paroquial de São Domingos.

veitaram cantarias, como tampas de sepulturas por exemplo, que serviram para revestir degraus ou soleiras de porta.

Novas fachadas e edifícios surgiram na sequência deste movimento reconstutivo, de que se destaca: a Igreja da Misericórdia, reconstruída entre 1759 e 1769 por iniciativa do provedor Miguel Inácio Falcão Beja que, para o efeito, empenhou todos os seus bens; a Igreja Matriz, cuja reconstrução foi iniciada em 1796 pelo prior Bonifácio Gomes de Carvalho e terminada apenas em 1830 pelo beneficiado José Caetano da Fonseca; as novas Casas da Câmara (hoje Antigos Paços do Concelho) surgidas em 1781 por provisão da Rainha D. Maria I;

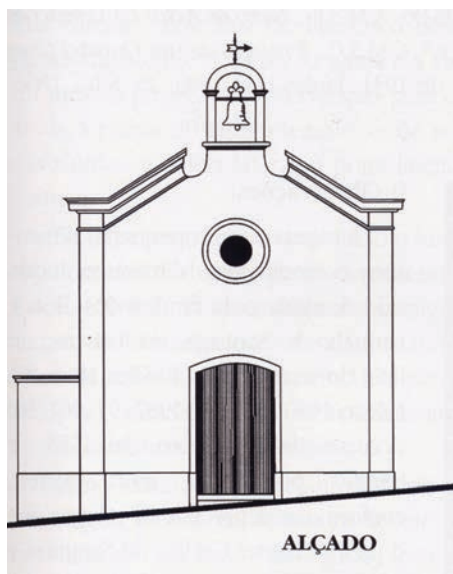


Fig. 23 - Capela de Santo António, ficava na Rua Dr. Francisco Beja da Costa (antiga Rua Direita), escapou ao *Grande Terramoto* mas viria a ser demolida em 1930.

em 1765 construíra-se o Açougue e entre 1785 e 1808 construiu-se aquele que é o mais belo edifício do Centro Histórico de Santiago do Cacém – o Palácio da Carreira, morada nobre do capitão-mor José Joaquim Salles de Andrade Guerreiro de Aboim, comandante do Corpo de Ordenanças de Santiago do Cacém aquando da primeira invasão francesa, em 1808.

Muitos destes tesouros arquitectónicos, tanto edifícios como elementos estruturais ou decorativos, chegaram aos nossos dias, fazendo ainda parte da nossa herança cultural e histórica; outros, após assistirem a outros sismos, lutas, revoluções e incêndios, têm desaparecido do nosso quotidiano devido à incúria e *cegueira* de alguns homens.

CONSEQUÊNCIAS

O Terramoto Político desencadeado pelo marquês de Pombal teve consequências que atingiram também o concelho de Santiago do Cacém. Na sequência do Processo dos Távoras, os membros dessa família que habitavam no concelho tiveram de mudar de nome, pois a sentença proibía o uso do apelido em Portugal. Os bens que pertenciam aos condenados foram confiscados e foi extinta a Ouvidoria de Azeitão (pertença da Casa Ducal de Aveiro, cujo duque, D. José de Mascarenhas, era um dos principais condenados no processo dos Távoras), passando as atribuições do Ouvidor para o Corregedor da Comarca de Ourique, um funcionário régio. Esta mudança obrigou o poder central a interessar-se mais pela Câmara de Santiago, levando a que D. Maria I, sucessora do rei D. José, emitisse em 1781 uma carta de provisão para a construção de um novo edifício sede do poder municipal, os Antigos Paços do Concelho.

Em 1796, o prior Bonifácio Gomes de Carvalho iniciou a lenta reconstrução da Matriz, que só viria a ser concluída em 1830 pelo beneficiado José Caetano da Fonseca. Muito antes do fim das obras, em 1800, Frei Manuel do Cenáculo, então bispo de Beja, desloca-se a Santiago para sagrar a Matriz.

D. Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas, considerado um verdadeiro iluminista, fora favorecido por Pombal e pelo rei D. José com altos cargos eclesiásticos e políticos entre 1757 e 1777. Após o terramoto, ainda em Lisboa, interessara-se por recolher e guardar peças romanas reaparecidas devido ao sismo, dando início à sua colecção de arqueologia, a



Fig. 24 - Capela das Almas (Rua Padre António de Macedo, antiga Rua das Almas), edificada em 1630, sobreviveu ilesa ao *Grande Terramoto*; cem anos depois, em 1858, ficaria bastante danificada por outro sismo.



Fig. 25 - Casa da Colegiada, na Rua Padre António de Macedo (antiga Rua das Almas), edifício cuja fachada, datada de 1733, se mantém.

primeira do país. Em 1770 foi criada, para ele, a Diocese de Beja e, sete anos depois, com a morte do rei D. José e a queda do marquês de Pombal, Cenáculo foi forçado a um desterro político no seu bispado, o que lhe permitiu continuar e ampliar a colecção arqueológica, pois não faltavam vestígios romanos na antiga “Pax Júlia”.

Na sua deslocação a Santiago tomou conhecimento da existência de uma antiga cidade romana – Miróbriga, que mandou escavar e de onde retirou lápides sepulcrais, figuras de deuses e moedas de vários imperadores.

Em 1802 foi nomeado arcebispo de Évora, para onde se mudou com as suas colecções (para além da arqueologia, o prelado também se interessava por numismática e pintura) e onde faleceu em 1814.

Cenáculo foi, talvez, a mais importante consequência do Grande Terramoto para Santiago, pois foi o primeiro a interessar-se e a valorizar Miróbriga



Fig. 26 - Arcos góticos no interior da Casa da Colegiada, demonstram que o edifício é muito anterior à fachada do século XVIII.



Fig. 27 - Portal gótico em edifício na Rua Dr. Francisco Beja da Costa (antiga Rua Direita).



Fig. 29 - Portal gótico descoberto durante a demolição de um edifício na Rua Padre António de Macedo (antiga Rua da Almas) em 1985; hoje já não existe como arco gótico.



Fig. 28 - Portal do século XIV, conhecido por Porta do Sol, é um dos monumentos mais importantes de Santiago do Cacém.



Fig. 30 - Portal descoberto em 2001 durante uma obra na Rua Fonseca Achaiolli (antiga Rua Quente), próximo da antiga judiaria, teve mais sorte do que o anterior pois manteve a imagem e localização.



Fig. 31 - Arco gótico descoberto na Igreja Matriz durante a última campanha de restauro em 1999.



Fig. 33 - Estrutura em *gaiola pombalina* posta a descoberto durante as obras realizadas em 2004 num edifício situado na Rua Dr. Francisco Beja da Costa, demolida na mesma altura.



Fig. 32 - Portal manuelino (cerca de 1500) que serve de entrada lateral na Igreja da Misericórdia.



Fig. 34 - Fachada do edifício onde foi descoberta a estrutura da imagem anterior; foto tirada antes das obras, quando, apesar do abandono, ainda mantinha uma imagem muito autêntica da reconstrução pós-terramoto.

Fig. 35 - Brasão de D. Maria I no frontão dos Antigos Paços do Concelho, atesta a ligação desta monarca à construção do edifício.



que, antes dele, apenas servia como pedreira, de pedra barata e já aparelhada, para a construção de edifícios em Santiago do Cacém.

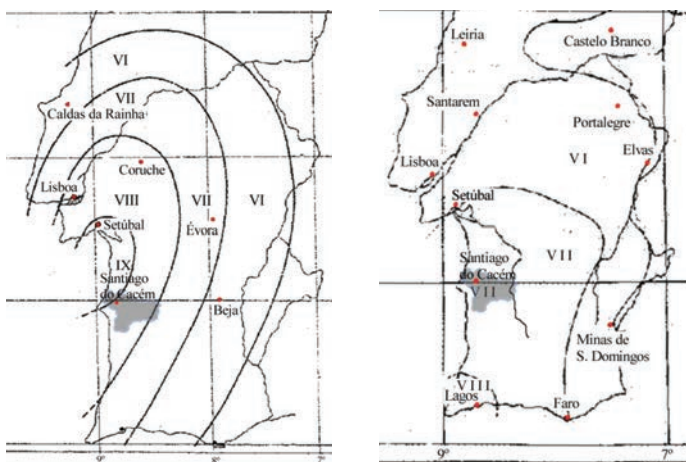
E A TERRA CONTINUOU A TREMER...

“No dia 11 de Novembro do anno corrente

Fig. 36 - Vista sobre a Praça Conde de Bracial, vendo-se à esquerda (com barras cinzentas), o edifício dos Antigos Paços do Concelho (Casas da Câmara em 1858) e, em fundo, elevando-se sobre a praça, a Torre do Relógio sobre o antigo Hospital da Misericórdia.



1858, tendo precedido copiosas chuvas, éráo sete horas e vinte minutos da manhã, estando a atmosphera carregada e sombria, não cahindo então chuva, pouco vento, moendo lentamente os moinhos da comeada, sentio-se um grande tremor de terra, cuja duração se calculou de 25 a 30 segundos. A maior parte dos habitantes desta villa estavam em sua camas; uns immoveis cheios de susto e terror esperavão pela grande oscilação ficarem sepultados nas ruínas; outros levantando-se rapidamente de seus leitos tal qual como ali estavam buscavão anciozamente a sua familia dispersa pela habitação e esperarem juntos o ultimo momento de suas vidas; e outras sahindo de suas cazas com seos filhinhos nos braços pela forma como se achavam ainda repouzando em suas camas com vózes de clamor e socorro derigidas ao Altissimo; finalmente tudo era confusão, terror e lagrimas e receio de recolherem depois a suas habitações, o que só fizeram obrigadas pelo terrivel temporal de vento e copiozas chuvas que se seguirão e que pôz termo aos projectos d'abarracarem todas no campo fóra da povoação. [...] Nesta villa os estragos não foram fatais, não houverão victimas, graças a Deos, contudo não houve um edificio que não ficasse prejudicado, uns bastante arruinados carecendo de promptos concertos, e outros menos, havendo tão bem alguns offerecendo perigo á segurança publica [...] Todos



Figs. 37 e 38 - Cartas de isossistas dos sismos de 11 de Novembro de 1858 e do sismo de 28 de Fevereiro de 1969, na escala de Mercalli modificada. O Concelho encontrou-se, no primeiro caso, entre os graus VIII e IX (ruinoso e desastroso), sendo a freguesia de Santo André a que mais sofreu, assim como toda a faixa litoral até Setúbal, e no segundo caso, no grau VII (muito forte).

os Templos desta villa sem excepção ficarão arruinados sendo a Igreja das Almas a que pareceu mais perigosa. As Cazas da Câmara com quanto soffressem, não forão consideraveis os seus estragos. A Torre do Relogio publico de fundação secular, obra solidamente construida abrio um pouco nos angulos, porem o que se julga perigozo é a ruina que soffreu a cupula construida de pedra e cäl, de quatro faces, fechando em ponta aguda, por ter raxado e feito barriga para o lado de dentro. [...] O Hospital da Santa Casa da Mesericordia tão bem soffreu ruina, não perigoza.”

Excerto da Acta da Sessão de Câmara do dia 16 de Novembro de 1858

Ao longo destes duzentos e cinquenta anos, o Litoral Alentejano e o Concelho de Santiago do Cacém continuaram a ser alvo de actividade sísmica. Felizmente, na sua maioria, estes abalos têm sido quase imperceptíveis mas, com uma regularidade que ronda os cem anos, ocorreram dois sismos que, apesar de mais moderados do que o *Grande Terramoto*, ainda provocaram o pânico nas populações.

O primeiro, em 1858, danificou bastantes edificios, tanto na, então, vila de Santiago como na freguesia de Santo André (onde ficaram muito poucas casas de pé), e ao longo da costa até Setúbal; quanto ao segundo, o de 1969, foi muito menos destrutivo, mas suficientemente agitado para lembrar às pessoas que vivem numa zona de activi-

dade sísmica e que este tipo de fenómenos é imprevisível, assim como imprevisíveis são os seus efeitos.

BIBLIOGRAFIA

Fontes impressas

AA.VV. (2003-2004) - *Gentes e Culturas (cadernos temáticos sobre as freguesias do Concelho de Santiago do Cacém)*, ed. LASA (Liga dos Amigos de Santo André).

ANJOS, Cónego António Rebelo dos (1933) - *A Igreja Matriz de Sant'Iago de Cacém (apontamentos histórico-litúrgicos)*, Santiago do Cacém, Tip. A Gráfica.

CASTRO, João Batista de (1762-1763) - *Mappa de Portugal Antigo, e Moderno*, Tomos I e III, Lisboa, Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.

COSTA, Padre António Carvalho da (1708) - *Capitvlo IV: -Da Villa de Alvallade, Capitvlo V: -Da Villa de Santiago de Cacém e Capitvlo XIII: Da Villa de Villa Nova de Mil Fontes* in “Corografia Portugeza e Descrição Topográfica do Famoso Reyno de Portugal...”, Tomo II, Lisboa, Off. De Valentim da Costa Deslandes.

HESPANHA, António Manuel (1995) - *História de Portugal Moderno, político e institucional*, ed. Universidade Aberta.

MARCADÉ, Jacques (1971) - *Une Comarque Portugaise – Ourique – entre 1750 et 1800*, Paris, ed. Fundação Calouste Gulbenkian.

OLIVEIRA, César; MONTEIRO, Nuno Gonçalo (1996) - *História dos municípios e do Poder Local [Dos finais da Idade Média à União Europeia]*, ed. Circulo de Leitores.

PINHO LEAL, Augusto Soares de Azevedo Barbosa de (1873) - S. Tiago de Cacém. In *Portugal Antigo e Moderno*, Vol. IX, ed. Livraria Editora de Mattos Moreira e Companhia.

QUARESMA, António Martins (2006) - *Odemira Histórica – Estudos e Documentos*, ed. Município de Odemira

RAMOS, Luís Pedro (s/d) - *Alvalade – das origens ao século XX*, ed. CMSC.

SILVA, Manuel João (1992) - *Toponímia das ruas de Santiago do Cacém*, ed. CMSC.

SILVA, Padre António de Macedo e (1866) - *Annaes do Município de Sanct-Yago de Cassem*, Beja, Typ. Sousa Porto Vaz.

SILVA, Padre António de Macedo e (1869) - *Annaes do Município de Sant-Iago de Cacem*, 2ª Edição, Lisboa, ed. Imprensa Nacional.

SOARES, Carlos (s/d) - *Santa Casa da Misericórdia de Santiago do Cacém (breves notas para a sua história)*, ed. Santa Casa da Misericórdia de Santiago do Cacém.

SOBRAL, Carlos, *et al.* (2001) - *Património edificado de Santiago do Cacém (breve inventário)*, ed. Colibri e CMSC.

Fontes manuscritas e dactilografadas

Dicionário Geográfico, Vol. 3, Vol. 4, Vol. 6, Vol. 9, Vol. 10, Vol. 12, Vol. 13, Vol. 32 e Vol. 34, 1758 (Memórias Paroquiais), Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo.

Relação dos Habitantes da Freguesia de Santiago de Cacém em 22 de Janeiro de 1721, feita pelo Padre Manuel de Macedo e Sousa, Arquivo do Cabido da Sé de Évora.

Livro de Actas de Vereações de 5 de Julho de 1856 a 25 de Maio de 1859, Arquivo Municipal de Santiago do Cacém.

FALCÃO, José António (1991) - *Património construído e urbanismo de Santiago do Cacém (Subsídios para um ensaio de enquadramento histórico)*, Centro de Documentação – Gabinete de Reabilitação Urbana e Património/Câmara Municipal de Santiago do Cacém.

LOBO DE VASCONCELLOS, António (1984) - *Breves notas sobre o padre Bonifácio Gomes de Carvalho e a Igreja do Castelo, Matriz de Santiago do Cacém*, Centro de Documentação – Gabinete de Reabilitação Urbana e Património/Câmara Municipal de Santiago do Cacém.

Créditos Fotográficos

José Matias, Ricardo Ambrósio e Paulo Chaves (CMSC).